

RELATO DE EXPERIÊNCIA: TEMA RACISMO APLICADO NA PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

Maísa Kerolin Parra Baldini ¹
Natan Henrique Corrêa ²
Letícia dos Santos Bittar ³
Rosana Aparecida Deolim de Freitas ⁴

O Brasil tem um largo histórico racista e escravocrata. Além disso, foi um dos últimos países a abolir a escravidão. Mais de um século se passou desde então, mas um passado tão violento não finda com apenas uma lei. Muitas marcas desse projeto colonial ainda modulam a sociedade brasileira. São evidências disso as ideias discriminatórias que se enraizaram, cresceram e se multiplicaram de forma velada e estruturada, impossibilitando que todos os cidadãos desfrutassem dos mesmos direitos. Por isso, em 2003, visando o combate dessa infeliz realidade, sancionou-se a Lei N° 10.639, a qual incluiu no currículo oficial da Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB) a obrigatoriedade de ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” a fim de combatê-la dentro do âmbito educacional.

Segundo as Diretrizes de Bases Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

peças negras têm menor número de anos de estudos do que pessoas brancas (4,2 anos para negros e 6,2 anos para brancos); na faixa etária de 14 a 15 anos, o índice de pessoas negras não alfabetizadas é 12% maior do que o de pessoas brancas na mesma situação; cerca de 15% das crianças brancas entre 10 e 14 anos encontram-se no mercado de trabalho, enquanto 40,5% das crianças negras, na mesma faixa etária, vivem essa situação.

Tendo isso em conta, torna-se evidente a necessidade de leis efetivas para reverter esse quadro. Porém, apesar de muitos avanços no meio educacional, ainda existe muita dificuldade em realmente valorizar uma identidade negra sem reforçar estereótipos e representações negativas, principalmente quando se trata da estética. Nilma Gomes, em seu artigo Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? enfatiza que:

1 Graduando do Curso de Letras - Português/Espanhol do IFSP Avaré, maisa.k@aluno.ifsp.edu.br;
2 Graduando do Curso de Letras - Português/Espanhol do IFSP Avaré, natan.henrique@aluno.ifsp.edu.br;
3 Graduando do Curso de Letras - Português/Espanhol do IFSP Avaré, leticia.bittar@aluno.ifsp.edu.br
4 Professor orientador: Graduado, Fundação Regional Educacional de Avaré – FREA, rosanadeolim@prof.educacao.sp.gov.br

na escola, não só aprendemos a reproduzir as representações negativas sobre o cabelo crespo e o corpo negro; podemos também aprender a superá-las. Para isso, elas terão que ser consideradas temáticas merecedoras de um lugar em nosso currículo e em nossas discussões pedagógicas.

Desse modo, baseando-se nessas discussões e no artigo “Pedagogia dos multiletramentos: principais proposições metodológicas e pesquisas no âmbito nacional” (DA COSTA SILVA, 2016), os pibidianos do Instituto Federal de São Paulo – campus Avaré – Natan Henrique Corrêa, Letícia dos Santos Bittar e Maísa Parra Baldini desenvolveram uma atividade reflexiva e dinâmica sobre as temáticas antirracismo e racismo na sociedade atual com a 2ª Série A - Ensino Médio da E. E. Dona Cota Leonel.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento, obedecendo ao esquema do plano de aula previamente elaborado, os pibidianos introduziram a temática a partir de alguns questionamentos base, como indagações sobre o conceito racismo e o que ele representa na sociedade. Em sequência, notou-se que os alunos pensavam que este era um tema óbvio e já discutido. No entanto, não conseguiam articular argumentos e fatos para formular respostas válidas, demonstrando, assim, disporem de um conhecimento raso sobre o assunto.

Então, dando continuidade ao plano, os professores (pibidianos) aplicaram um jogo chamado “24 por 7: desembolando o racismo cotidiano”. Para isso, dividiram a sala em três grupos (havia em torno de vinte e cinco alunos). A dinâmica proposta consistia num jogo de tabuleiro com peões e um dado. Cada “casa” do tabuleiro representava uma situação cotidiana, simulava as dificuldades, as inúmeras situações que pessoas negras enfrentam no dia a dia e que as impede de seguir em frente, de prosperar – neste caso, impedia os jogadores de avançarem no jogo, uma vez que se deparavam com obstáculos impensáveis e, muitas vezes, cruéis.

Após o jogo, detectou-se a experiência dos alunos com a atividade. Pode-se observar, naquele momento, que a proposta resultou em uma aula muito divertida e frustrante para os alunos. Isso porque quando estes precisavam retroceder casas ou voltar ao início do jogo reclamavam sobre o quão injusto e sem sentido eram aqueles obstáculos. Foi nesse momento que “a ficha caía”. Percebendo o instante de indagação, uma outra etapa do jogo era empenhada: o diálogo sobre as situações presentes nas cartas e o que elas significavam em nossa sociedade, assim como foram discutidos o porquê e as possíveis soluções para aqueles problemas/obstáculos.

Ao final, os grupos compreenderam que a frustração daquele jogo figurava a realidade de muitos indivíduos no Brasil e no mundo.

Após o término, algumas reflexões foram feitas e, dessa vez, os alunos se engajaram mais na discussão com os futuros docentes, contribuindo com suas impressões, tirando dúvidas e expondo suas próprias indagações. Para complementar ainda mais a troca construtiva, foi exibido um vídeo intitulado “Desigualdade Racial no Brasil – 2 minutos para entender!”. Nesse vídeo, dados importantes do IBGE são apresentados, demonstrando, desse modo, a dimensão da desigualdade racial que acomete o Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a aplicação integral do plano didático, pôde-se notar que grande parte dos alunos se engajaram na dinâmica elaborada sob à ótica dos multiletramentos, propiciando, assim, debates enriquecedores em sala de aula. No entanto, alguns deles ainda se mantiveram bem distraídos e pouco participativos. Um dos grupos (justamente o que tinha mais pessoas) não conseguiu finalizar o jogo – isso pode ter propiciado as recorrentes dispersões o que, obviamente, causou a inconclusão.

Por esse motivo, para aferir com mais assertividade as impressões dos estudantes sobre a aula, os pibidianos decidiram aplicar um questionário no dia seguinte a aplicação da atividade.

Apenas seis alunos responderam. Apesar da baixa contribuição com a devolutiva – o que já era esperado, visto que se trata de uma turma que não gosta muito de realizar afazeres extraclasse, conseguiu-se extrair o que era desejado para a nossa avaliação; além disso, a maioria das impressões relacionadas a absorção do conteúdo puderam ser levantadas ao longo da própria aplicação – avaliação formativa.

O referido formulário continha as seguintes perguntas:

- 1) O que é racismo estrutural?
- 2) Com base no que vimos em sala de aula, você pensa que o racismo é um problema individual ou um problema que está estruturado em nossa sociedade?
- 3) Em sua opinião, como podemos combater o racismo?
- 4) Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 a nota mais alta, quão satisfeito você está com o formato geral da aula?
- 5) Você acredita que as lições da aula serão úteis para o seu crescimento pessoal e profissional?

- 6) Os métodos didáticos dos professores, ou seja, o modo de aplicar a aula ajudaram você a entender melhor o assunto?
- 7) Deixe aqui suas considerações sobre a aula. Caso suas respostas tenham sido negativas, justifique o motivo.

Todas as repostas foram congruentes e assertivas, apesar de curtas. No quarto questionamento, três alunos deram nota oito para a aula e três deram nota dez. Nas perguntas cinco e seis, 100% dos participantes responderam que sim.

CONCLUSÃO

Em sala de aula, os pibidianos notaram que a maior parte da turma se engajou com a atividade e que depois da aplicação alguns alunos já estavam com uma nova perspectiva sobre o que é racismo. Ademais, no questionário, apesar das poucas respostas, essa percepção fez-se verdadeira, visto que todos gostaram da atividade, alegando que agora conseguiam compreender muito melhor o assunto.

Entender o racismo como sendo nitidamente um crime já é algo comum no meio social. No entanto, isso não basta, pois o racismo é, na grande maioria das vezes, velado e estruturado. Ele se reflete na enorme desigualdade social, nas entrelinhas de uma brincadeira “boba” e no imaginário. Por isso, faz-se necessário a discussão teórica, a discussão sobre a estrutura dessa máquina de produção de desigualdades sociais.

A dinâmica e as discussões em sala de aula foram importantes para que os alunos pudessem se colocar no lugar do outro. A transformação deles com o decorrer da aula foi evidente, pois conseguiam entender e articular respostas com mais facilidade. Combater o racismo é necessário e é um dever de toda a sociedade (RIBEIRO). A aplicação dessa atividade não foi perfeita, mas foi um sucesso – uma pequena vitória para um mundo mais justo e igualitário.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente a CAPES por ofertar esse programa que contribui para a qualificação dos docentes, por fomentar as pesquisas e trabalhos acadêmicos, e, por consequência, a educação.

Agradecemos também ao IFSP – Campus Avaré, as coordenadoras Eva Francisco e Flavia Karolina.

Agradecemos a E. E. Dona Cota Leonel pelo acolhimento e parceria.

Agradecemos a docente e supervisora Rosana Aparecida. Deolim de Freitas por estar todas as aulas nos auxiliando na construção de nossa carreira docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

DA COSTA SILVA, Themis Rondão Barbosa. Pedagogia dos multiletramentos: principais proposições metodológicas e pesquisas no âmbito nacional. Letras, n. 52, p. 11-11, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/25319>

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Revista brasileira de Educação, p. 40-51, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrxrHf5nTC7r/?lang=pt>

RIBEIRO, Djmila. Pequeno Manual Antirracista. Companhia das Letras; 1ª edição (6 novembro 2019).